

## 11. O PROBLEMA DA UNIDADE SOCIAL-NATURAL

a paisagem é a manifestação perceptível da formação geográfica. De imediato, a percepção apreende as formas e os movimentos. Assim, a paisagem é um conjunto estável de formas e movimentos. Mas, desse modo, ela é apenas aparência do real. Essa aparência é organizada conceitualmente como conhecimento através da compreensão do lugar. O lugar tem características e propriedades imanentes que dão a condição de determinação. Mas, o lugar é uma abstração, se não for considerada a população que lhe dá concretude. Então, o lugar põe-se como lugar de moradia, lugar de trabalho, lugar de consumo, lugar de lazer e lugar de circulação. Por isso, o lugar é, desde logo, também, relações de moradia, relações de trabalho, relações de consumo, relações de lazer e relações de circulação. Então, o lugar é um complexo de relações de localização. A formação geográfica é o lugar, percebido como paisagem, enquanto um complexo de relações de localização. Mas, por essa razão, a compreensão do lugar se dá como consciência da formação geográfica. A formação geográfica é a expressão conceitual-empírica da ocorrência do modo de produção natural-social. É uma especificidade da Geografia, pela natureza de seu objeto, que a formação natural coincide com o modo de produção natural. Por exemplo, o modo de produção equatorial coincide com a formação equatorial, no sentido de que a natureza se põe ali, segundo certas especificidades da história natural. Na sua diversidade de formações e modos a natureza apresenta-se, contudo, como uma unidade física, o espaço-terrestre como um todo. O mesmo não acontece com o modo de produção social e a formação social. Nesse sentido, a sociedade como um todo é uma abstração. Ela se põe como modos determinados historicamente de existência espacial: as formações sociais. Enquanto a categoria modo de produção social é inteligível abstraindo-se o lugar e o tempo de ocorrência, a formação social é incompreensível sem a explicitação de suas determinações espaciais e temporais. Então, no que diz respeito à Geografia, a formação social é o modo de produção social localizado. Por isso, pondo-se como lugar social. Então, o lugar social é, desde logo, também, lugar natural. Daí que se expresse como formação natural-social. Cada lugar social, em razão das especificidades dos modos de produção natural e social, põe-se, então, como singularidade. Singularidade que remete à unidade espaço-terrestre, como expressão particular da formação espacial. A formação geográfica apresenta, por isso, uma contradição em seu ser natural-social. Sua particularidade é, então, a forma que assume o conjunto das relações homem-natureza no lugar. Por isso, como localização. A localização é a forma de manifestação do lugar social, enquanto relação dos modos de produção natural e social. É uma especificidade do real que a forma espacial seja espaço dado e espaço produzido, diferencionalmente, como formação natural e formação social. Sua unidade reside em sua existência simultânea como espaço-tempo. Essa unidade é contraditória e se movimenta de modo desigual porque as determinações naturais e sociais são diferentes, como universalidade, particularidade e singularidade. A unidade do social-natural se põe, então, como solução: a continuidade e descontinuidade inerentes ao objeto, como espaço, tempo, ser e movimento. A Geografia, como subtotalidade desenvolve, então, o discurso do espaço do tempo presente no espaço. O espaço do tempo presente no espaço é o real-espacial que contém o passado, o presente e o futuro. A formação espacial é, por isso, a categoria que expressa a concretude da Geografia e da interdisciplinaridade, na construção do discurso de referência básica do real presente. O real presente se põe como história construída, efetividade espacial que se apresenta como lugar de chegada. Então, como ponto de partida da contradição necessidade-liberdade.

Pesquisa bibliográfica

Lukács, G. (1978) "As Bases Ontológicas da Atividade Humana" in Temas nº 4, São Paulo.

pg. 3 "2. Podemos aqui nos ocupar somente da ontologia do ser social. Contudo, não seremos capazes de captar sua especificidade se não compreendermos que um ser social só pode surgir e se desenvolver sobre a base de um ser orgânico e que esse último pode fazer o mesmo apenas sobre a base do ser inorgânico. A ciência já está descobrindo as formas preparatórias de passagem de um tipo de ser a outro; e também já foram esclarecidas as mais importantes categorias fundamentais das formas de ser mais complexas, enquanto contrapostas àquelas mais simples: a reprodução da vida em contraposição ao simples tornar-se outra coisa; a adaptação ativa, com a modificação consciente do ambiente, em contraposição à adaptação meramente passiva etc. Ademais, tornou-se claro que, entre uma forma mais simples de ser (por mais numerosas que sejam as categorias de transição que essa forma produz) e o nascimento real de uma forma mais complexa, verifica-se sempre um salto; essa forma mais complexa é algo qualitativamente novo, cuja gênese não pode jamais ser simplesmente 'deduzida' da forma mais simples.

"Depois desse salto, tem sempre lugar o aperfeiçoamento da nova forma de ser. Todavia, embora surja sempre algo qualitativamente novo, em muitos casos tem-se a impressão de estar em face de uma simples variação dos modos reativos do ser fundante em novas categorias de efetividade, naquelas categorias que constituem precisamente o novo no ser da nova formação. Tomemos o exemplo da luz: enquanto sobre as plantas ela ainda atua de modo puramente físico-químico (embora, na verdade, dando lugar já aqui a efeitos vitais específicos), na vista dos animais mais superiores a luz desenvolve formas de reação ao ambiente que já são especificamente biológicas. Do mesmo modo, o processo de reprodução assume na natureza orgânica formas cada vez mais correspondentes à sua própria essência, torna-se cada vez mais nitidamente um ser sui generis, ainda que jamais possa ser eliminado o seu enraizamento nas bases ontológicas originárias. Mesmo sem ter aqui a possibilidade sequer de mencionar um tal complexo de problemas, gostaríamos porém de recordar como o desenvolvimento do processo de reprodução orgânica no sentido de formas superiores, o seu tornar-se cada vez mais pura e expressamente biológico no sentido próprio do termo, forma - com a ajuda das percepções sensíveis - também uma espécie de consciência, importante epifenômeno, enquanto órgão superior do funcionamento eficaz dessa reprodução.

"Para que possa nascer o trabalho, enquanto base dinâmica-estruturante de um novo tipo do ser, é indispensável um determinado grau de desenvolvimento do processo de reprodução orgânica. Também aqui temos de deixar de lado os numerosos casos de capacidade de trabalhar que se mantêm como pura capacidade; tampouco podemos nos deter nas situações de de boco sem saída, nas quais surge não apenas um certo tipo de trabalho, mas inclusive a consequên-

cia necessária do seu desenvolvimento, a divisão do trabalho (abelha etc.), situações porém em que essa divisão do trabalho - enquanto se fixa como diferenciação biológica dos exemplares da espécie - não consegue se tornar princípio de desenvolvimento posterior no sentido de um ser de novo tipo, mantendo-se ao contrário como estágio estabilizado, ou seja, como um beco sem saída no desenvolvimento.

"A essência do trabalho consiste precisamente em ir além dessa fixação dos seres vivos na competição biológica com seu mundo ambiente. O momento essencialmente separatório é constituído não pela fabricação de produtos, mas pelo papel da consciência, a qual, precisamente aqui, deixa de ser mero epifenômeno da reprodução biológica: o produto, diz Marx, é um resultado que no início do processo existia 'já na representação do trabalhador', isto é, de modo ideal.

pg. 5 "Talvez surpreenda o fato de que, exatamente na delimitação materialista entre o ser da natureza orgânica e o ser social, seja atribuído à consciência um papel tão decisivo."

Silva, A.C. da (1978) "O Espaço Geográfico como Totalidade" in O Espaço Fora do Lugar, HUCITEC, São Paulo.

Formação.

pg.10 "A proposição mais conhecida e completa sobre a gênese do espaço geográfico, entendido no sentido indicado linhas atrás, é a de que a lei mais geral de sua formação é a lei do desenvolvimento desigual. Por essa teoria o desenvolvimento é desigual porque resulta de uma desigual combinação de fatores que interagem e se equilibram formando paisagens geográficas diferenciadas (Bistajn, J.D., 1972:2).

"A paisagem natural resulta de uma desigual combinação de fatores físicos: geológicos, pedológicos, geomorfológicos, hidrologicos, climáticos e bióticos. Por meio de leis da Física, da Química e da Biologia essa paisagem embora diferenciada apresenta unidades homogêneas. Isto significa que em uma dada extensão territorial, em um dado momento, há um equilíbrio ecológico natural que é resultado da história natural da Terra.

"A paisagem cultural pode apresentar-se homogênea ou heterogênea. Ela é também resultado de uma desigual combinação de fatores humanos: econômicos, sociais, políticos e culturais. Além disso há a ação humana sobre a paisagem natural modificando-a e accentuando seu caráter homogêneo, quando ocorre uma adequação entre o meio natural e o meio cultural. A não transformação adequada das condições naturais forma paisagens culturais heterogêneas. A paisagem cultural é modificada ou redefinida, por sua vez, pelos próprios grupos humanos.

"O meio natural e o meio cultural formam o meio geográfico. Este modifica-se no decorrer do tempo à medida que se desenvolvem a história natural e a história humana.

"Como se indicou antes, são razões da ordem ecológica que provocam o aparecimento de paisagens diferenciadas, homogêneas ou heterogêneas.

"Na linha de raciocínio aqui exposta o equilíbrio de uma situação dada é resultado de um processo: a

atividade dos elementos de uma situação, modifican-  
do as relações entre os elementos dessa situação,  
provoca o aparecimento de uma nova relação de equi-  
líbrio; a duração de uma situação de equilíbrio de-  
pende da natureza das relações entre si e o meio."

Ab'Sáber, A.N. (1966) O Domínio Morfoclimático Amazônico, Geomor-  
fologia nº 1, IGEOG-USP, São Paulo.

"Do ponto de vista morfoclimático e biogeográfico, as i-  
mensas áreas de colinas, tabuleiros e planícies  
fluviais da Amazônia Brasileira constituem uma no-  
tável combinação regional de fatos fisiográficos,  
perfeitamente explicável pela posição geográfica  
zonal da região. Na realidade, as terras baixas e-  
quatoriais amazônicas representam o setor sul-ame-  
ricano dos climas tropicais do cinturão de baixas  
latitudes do Globo. Em relação aos outros domínios  
morfoclimáticos intertropicais brasileiros (Ab'Sá-  
ber, 1963, 1966) a região amazônica constitui o do-  
mínio das terras baixas equatoriais florestadas,  
ou ainda, o domínio dos tabuleiros e baixos platôs  
equatoriais florestados.

"A área nuclear da Amazônia - ou Amazônia sensu s-  
trictu, como muitas vezes já foi chamada - opoe-se  
ao domínio dos chapadões recobertos por cerrados e  
penetrados por florestas-galerias (Brasil Central),  
assim como, em relação ao domínio dos pediplanos  
interplanálticos revestidos por caatingas (Brasil  
Nordeste), ao mesmo tempo que extravasa e entra em  
coalescência com as áreas cristalinas florestadas  
das Guianas e da chamada Guiana Maranhense. Separa-  
se do domínio dos cerrados por faixas de vegetação  
diferenciadas e complexas entre as quais, frequente-  
mente, aparecem verdadeiros tipos de vegetação-tam-  
pão, tais como densos cerradões, bosques da faixa  
de transição, 'avarandados', áreas de cocais e en-  
treameamentos de cocais-galerias. Note-se que, em re-  
lação ao domínio das caatingas, a área 'core' da  
Amazônia fica sempre separada da mesma através da  
presença de uma vegetação-tampão de grande indivi-  
dualidade e expressão paisagística, que é própria-  
mente a área dos cocais maranhenses. Aí, a floresta  
de babaçu recobre indiferentemente fundo de va-  
les, vertentes e interflúvios, por um espaço geo-  
gráfico de algumas dezenas de milhares de quilôme-  
tros quadrados. Em muitos pontos, a própria área  
florestal que precede a faixa dos cocais ou que, e-  
ventualmente, inclui cocais-galerias, já se apre-  
senta como uma faixa florestal marginal, diferenci-  
ada, em relação as florestas amazônicas típicas.  
"Terras baixas extensivas (tabuleiros e planícies),  
climatologia regional comportando alguns elementos  
relativamente homogêneos (temperaturas médias ele-  
vadas, pequena amplitude térmica anual, alta nebu-  
losidade e precipitações abundantes e relativamente  
bem distribuídas), e par com a presença de uma co-  
bertura florestal de desmesurada extensão, e de uma  
rede de drenagem composta de gigantescos caudais a-  
lóctonos, que se opõem à trama fina dos riachos (I-  
garapês) de pequeno curso e tipicamente autóctonos,  
deram à Amazônia um conjunto de paisagens aparente-  
mente homogêneas e pouco compartimentadas. Dessa  
forma, a despeito das sutis variações regionais da  
topografia de seus terrenos quaternários e terciá-

rios, mesozóicos e paleozóicos, e dos solos e áreas correspondentes, assim como, da diversidade das águas de seus rios e igarapés, e até mesmo dos componentes de suas florestas, a região amazônica tem sido erroneamente encarada como um monótono conjunto de terras baixas, extensivamente recobertas por florestas equatoriais."

Philipponneau, M. (1960) Géographie et Action, Libr. Armand Colin, Paris.

#### V. Les Applications de la Biogéographie.

pg. 113 "La végétation et la vie animale qui y est liée, occupent une position centrale dans le complexe géographique. Elles dépendent des conditions du relief, du climat, du sol et elles commandent l'organisation des groupes humains. Mais la végétation est influencée également par l'action de l'homme qui, par son intermédiaire peut agir sur les autres éléments du milieu naturel. Comme le remarque M. Sorre, l'écologie, c'est-à-dire l'étude des rapports de l'être vivant et de son milieu apporte son tribut à la connaissance de ce réseau de relations entrecroisées qui est la trame du complexe géographique total."

Mattos, D.L. de (1970) As Bases Geográficas da Vida Econômica, Tomo I, Ed. do Autor, São Paulo.

#### Significação Geoeconômica do Fator Climático.

pg. 14 "O clima é o mais importante elemento do meio físico. Ele age sobre as rochas, o solo, os seres vivos e é o elemento fundamental na caracterização das grandes regiões naturais da Terra. No que diz respeito às atividades econômicas, sua influência se manifesta com maior ou menor intensidade sobre as atividades de produção, circulação, comércio e consumo e, de certa maneira, sobre a própria produtividade do homem.

"A produção, particularmente a produção agrícola, é profundamente influenciada pelo clima. Na agricultura, o clima não só delimita as diferentes regiões agrícolas da Terra, como influi sobre a volume e a qualidade da produção. Devido ao seu clima de verões quentes e luminosos, v.g., poucas regiões da terra produzem uvas e vinhos comparáveis aos da região Mediterrânea. Deficiências ou excessos de chuva, sua boa ou má repartição durante o ano, assim como as condições térmicas e hidrométricas, introduzem modificações nas técnicas e sistemas de cultivos.

"A atividade pastoril diferencia-se de uma região a outra pela natureza dos seus rebanhos e pelas técnicas e sistemas de criação adaptadas às condições climáticas locais. Um exame, ainda que superficial, da distribuição geográfica dos animais selvagens e dos animais domésticos no mundo, mostra-nos esse fato. Neste tipo de atividade, como na agricultura, o clima influi tanto sobre a formação das regiões pastoris, quanto sobre o volume e a qualidade dos produtos derivados da criação. Mas não é somente a fauna continental que sofre a influência do clima. A vida no mar e nos lagos também é condicionada pelos fatores climáticos.

"Embora menos aparente, mas nem por isso menos significativa, é a influência do clima sobre os diversos tipos de atividades industriais. O problema fundamental para qualquer tipo de indústria é a água. As regiões áridas e semi-áridas, por isso, foram sempre hostis ao desenvolvimento industrial. Mesmo nas regiões úmidas, com períodos de estiagem mais ou menos pronunciados, podem ocorrer fases de escassez de água. Um dos casos mais comuns é o decorrente das variações do volume d'água dos rios e represas, afetando a produção de energia hidroelétrica e reduzindo o volume d'água necessário ao consumo industrial e doméstico."

George, P. (1966) A Geografia Ativa, DIFEL, São Paulo.

Terceira Parte

Cap. I Responsabilidade do Geógrafo Face ao Problema Agrícola.

I - Geografia História e Geografia Ativa dos Campos.

pg. 161 "Os problemas rurais são relativamente simples nos países novos. Nêles, o sincronismo quase perfeito entre a ocupação do solo e o início da revolução industrial limita rigorosamente o campo de observação e de explicação. Trata-se essencialmente de uma eficácia desigual dos investimentos e do trabalho humano nas operações industriais e nas operações agrícolas. Trata-se também de uma flexibilidade desigual do setor industrial e do setor agrícola. O primeiro realiza muito mais facilmente do que o segundo operações chamadas de 'reconversão', isto é, de mutações qualitativas de produção. Sobrepuja assim mais facilmente as crises do mercado, readapta-se mais rapidamente à conjuntura econômica e técnica. Destarte, os tempos improdutivos, os períodos de estocagem de produtos invendáveis são reduzidos. A mão-de-obra passa, se necessário fôr, de uma especialidade a outra. Afastada de uma empresa, ela pode esperar recolocar-se num ramo onde o trabalho é assegurado. Uma crise agrícola é, pelo menos na escala regional, uma crise global. Ela alcança todas as culturas, ou a cultura de mercado sobre a qual se alicerça o edifício econômico das empresas e da região. Os fatores naturais intervêm ao mesmo tempo para limitar as iniciativas e a substituição, para provocar aqui fenômenos de crises temporárias enxertando-se sobre as crises econômicas, seja por pletores, seja por insuficiência de produção, para interditar toda esperança imediata de reerguimento nas regiões nas quais se destruiu ou degradou imprudentemente o capital imobiliário, alternando a capacidade de produção do solo."

Guglielmo, R. (1966) A Geografia Ativa, DIFEL, São Paulo.

Terceira Parte

Cap. II Geografia Ativa da Indústria.

pg. 183 "A concentração maciça da indústria desde mais de um século em algumas das maiores aglomerações, degradou as condições do habitat e da vida (bairros industriais leprosos, poluição da atmosfera urbana, deslocamentos longos e fatigantes dos trabalhadores etc.) e contribuiu a essa congestão urbana, que im

pede daqui por diante as fábricas de ampliar-se e eleva os custos da produção. Ela levanta a um tempo o problema da organização da atividade industrial nos grandes centros urbanos (criação de 'zonas industriais') e aquêle da descentralização. Descentralizadas ou inteiramente novas, é preciso saber onde colocar as fábricas. A questão é importante, pois sua localização é um dos dados maiores do custo de suas fabricações, como da evolução do âmbito humano onde se estabelecem. Pode ser um sucesso ou um desastre para a empresa, tanto quanto para esse ambiente humano. O desenvolvimento atual da indústria, vigorosa mas diferenciado, apresenta problemas mais ou menos graves de reconversão, de descentralização, de localização das novas criações. É toda uma repartição das forças produtivas, longamente e laborada desde mais de um século, que se encontra novamente em questão."

Cap. III Um Novo Capítulo da Geografia: A Geografia do Consumo e da Distribuição.

pg. 215 "A concentração de massas cada vez mais importantes de população nas cidades, especialmente nas grandes aglomerações, o crescimento do poder aquisitivo apresentam ao mesmo tempo os problemas do aumento e da diversidade do consumo e aqueles da organização da distribuição.

"O consumo estende-se hoje do domínio dos produtos perecíveis de aquisição quotidiana aos produtos de uso cuja amortização é cada vez mais ou menos longa, cuja aquisição se faz uma vez por ano, uma vez cada quatro ou cinco anos somente, ou uma única vez por geração (do vestuário ao apartamento e sua instalação).

"Os sistemas de venda diferem, bem como a geografia racional dos pontos de venda. É preciso primeiramente conhecer a distribuição dos tipos e dos agrupamentos de consumo (em função dos grupos sociais, da repartição das populações locais por classificação de idades etc.), em seguida determinar os melhores pontos de contato, para cada classe de comércio, entre o vendedor e o cliente."

Santos, M. (1978) O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo, HUCITEC, São Paulo.

Cap. 12 Investimentos e Rede Urbana.

pg. 89 "Portanto, é na cidade que o encontro dos mecanismos de projeção da economia industrial e das condições próprias ou reflexas da região em desenvolvimento considerada se faz mais facilmente. Desse modo, a cidade constitui um terreno de escol para

pg. 90 a constatação de tantas interações ou interconexões em escalas e níveis os mais diferentes, tendo porém como denominador comum o encontro e a luta de uma vontade de dominação (própria dos países desenvolvidos ou de regiões em crescimento dos países subdesenvolvidos) com as formas de reação dos países subdesenvolvidos ou de suas regiões estagnadas. O investimento é quase sempre o fator intermediário. "A organização do espaço, ou seja, a localização dos homens e de suas atividades, as relações entre sociedade humana e meio geográfico, os dados herdados e novos da paisagem, tudo isso é representa-

tiyo da universalidade dos problemas, que são a própria base da construção de nosso mundo e encontram na cidade uma representação."

Kuucinen, O.V. et alli (1962) Fundamentos do Marxismo-Leninismo, Ed. Vitória Ltda., Rio de Janeiro.

Cap. 9 O Imperialismo - Estádio Superior e Último do Capitalismo.

A Lei da Desigualdade do Desenvolvimento Econômico e Político.

pg.270 "A desigualdade do desenvolvimento econômico na época do imperialismo está ligada à desigualdade também do desenvolvimento político, ou seja, à desigualdade do amadurecimento das premissas políticas para a vitória da revolução socialista. Lênin dizia que 'a revolução proletária cresce em todos os países de modo desigual, uma vez que todos os países se encontram em diferentes condições de vida política, e se em um país o proletariado é extremamente débil, em outro, é forte. Se, em uns países, o grupo de cúpula do proletariado é fraco, já em outros países sucede que a burguesia consegue, a tempo, cindir os operários, como aconteceu na Inglaterra e na França. Eis porque a revolução proletária se desenvolve de modo desigual...".

Amim, S. (1976) O Desenvolvimento Desigual, Ed. Forense-Universitária, Rio de Janeiro.

3. Da Especialização à Dependência.

III. O Expansionismo do Modo de Produção Capitalista.

4. A Tendência Inerente do Capitalismo ao Alargamento dos Mercados.

pg.146 "Acontece que esta tendência permanente do capitalismo ao alargamento do mercado se transforma qualitativamente nas suas formas de expressão quando

pg.147 a concentração - outra tendência inerente ao capitalismo - faz passar o sistema (no centro) para o estágio dos monopólios. Foi o que compreendeu Lênin, fazendo do monopólio o eixo essencial da análise renovada do capitalismo. Pois a pequena empresa do século XIX é incapaz de exportar capitais, e a tendência ao alargamento do mercado manifesta-se então necessariamente através do comércio (a exportação de mercadorias), seja pela intervenção política do Estado, a qual submeterá a periferia às exigências objetivas do centro. A partir de 1880, os monopólios vão agir diretamente, e a tendência ao alargamento do mercado poderá expressar-se de uma forma nova: a exportação de capitais.

"A razão essencial da extensão do comércio mundial reside pois na tendência inerente ao capitalismo de alargamento dos mercados, e não provém de qualquer exigência de absorção do excedente, nem na época concorrencial, nem na dos monopólios. É bem o que dizia Lênin: "Por que razão a existência dum mercado externo é necessária a um país capitalista? Não é de forma alguma por a produção em geral não poder ser realizada no sistema capitalista. Uma tal afirmação não passa de um utopia. A existência dum mercado externo é necessária porque a pro-



dução capitalista implica fundamentalmente a ten -  
dência à extensão ilimitada."

---

SP 17/11/79